

2

Fundamentação teórica

Neste capítulo, será apresentado o arcabouço teórico que servirá de base para esta pesquisa: os Estudos Descritivos da Tradução e os Estudos Culturais, complementados pela visão de Lawrence Venuti sobre as retraduições. No que diz respeito aos Estudos Descritivos da Tradução, eles foram inspirados na teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar e consolidados através de ideias propostas por Gideon Toury, José Lambert, Hendrik Van Gorp, entre outros. Entre seus pressupostos estão o exame das traduções a partir de sua inserção em determinado ambiente sociocultural, em vez de enxergá-las como uma operação linguística puramente formal; a visão da literatura como um sistema dinâmico e complexo; a observação da tradução literária por um viés descritivo e o interesse pelas normas e coerções que governam a produção e a recepção das traduções (Hermans, 1985). Somam-se a esse cenário o conceito de patronagem e os mecanismos de controle do sistema literário, abordados por André Lefevere.

Ao promoverem um olhar crítico sobre as relações de poder existentes nos fenômenos culturais, os Estudos Culturais trouxeram contribuições significativas para os Estudos Descritivos da Tradução, principalmente a partir da década de 1990. É o caso, por exemplo, da analogia entre a escrita pós-colonial e o texto traduzido, desenvolvida por teóricos como Maria Tymoczko e Edwin Gentzler.

Por fim, o pensamento de Lawrence Venuti referente aos casos de retradução será acrescentado à fundamentação teórica deste trabalho.

2.1.

Os Estudos Descritivos da Tradução

2.1.1.

James Holmes e a origem dos Estudos Descritivos da Tradução

Os anos de 1970 são de grande relevância para os Estudos da Tradução, visto que começou a haver uma aproximação de intelectuais da linguística, da filosofia e da literatura às questões tradutórias, o que contribuiu para o surgimento

de uma disciplina independente. Segundo James S. Holmes, em “The Name and Nature of Translation Studies”, apresentado originalmente em um congresso em 1972 e posteriormente expandido e publicado no livro *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (1988), pelo fato de cada estudioso trazer seus próprios paradigmas e métodos, inicialmente houve alguns impedimentos para o desenvolvimento do referido campo.

Um deles estava relacionado à ausência de canais de comunicação entre os pesquisadores, na medida em que os mesmos se inseriam em diferentes áreas e publicavam seus trabalhos em periódicos diversos (Holmes, 1988, p. 68). Outro obstáculo era o termo a ser utilizado para se referir a essa nova disciplina, visto que, em alguns casos, a escolha refletia o interesse do estudioso e, em outros, baseava-se na terminologia vigente em determinado momento histórico (p. 69). Dois desses termos eram “ciência da tradução” e “estudos da tradução”. O último se tornou o nome mais apropriado, na visão de Holmes, já que o primeiro normalmente remetia a campos de ciências exatas como matemática, física e química, e não a áreas de ciências humanas como sociologia, história e filosofia (p. 70). O terceiro problema tinha relação com a falta de consenso geral entre os teóricos sobre de que forma seria estabelecida a disciplina em discussão.

Após essa fase primária de questionamentos e indefinições, os Estudos da Tradução conquistaram sua autonomia, pautando-se nos seguintes objetivos: “(1) descrever os fenômenos do traduzir e da(s) tradução(ões) do modo como eles se manifestam no mundo de nossa experiência; e (2) estabelecer princípios gerais por meio dos quais esses fenômenos possam ser explicados e previstos” (Holmes, 1988, p. 71)^{2 3}. Além disso, eles se subdividiram nos ramos “estudos descritivos da tradução” (DTS) e “estudos teóricos da tradução” (ThTS).

De acordo com Holmes, os DTS são baseados em três tipos de pesquisa: orientada para o produto, orientada para a função e orientada para o processo. O primeiro tipo se propõe a uma descrição de traduções individuais e em comparação com outras. O segundo, por sua vez, focaliza a função da tradução, ou seja, o seu lugar sistêmico no contexto de recepção, incluindo uma investigação

² Tradução minha, assim como todas as demais citações extraídas de edições em língua inglesa que não tenham sido publicadas em português.

³ “(1) To describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience, and (2) to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted”.

de quais textos foram traduzidos em determinado tempo e local e que tipo de influência exerceram no cenário em questão. Já o terceiro se concentra na atividade de tradução em si (Holmes, 1988, p. 72-3). Tal modelo sugerido por Holmes se apresentou como uma forma de oposição a teorias prescritivas de tradução.

Outros intelectuais, inspirados pelo formalismo russo e pelos estudos literários, colaboraram de forma significativa para o desenvolvimento e a consolidação da abordagem descritivista dos Estudos da Tradução. Entre eles, como observa Munday (2008), estão Itamar Even-Zohar, cuja teoria dos polissistemas trouxe discussões acerca dos contextos socioculturais relativos ao processo de tradução; Gideon Toury, que se utilizou não só das ideias concebidas por Even-Zohar, como também do mapa conceitual de Holmes, para propor uma sistematização dos DTS; José Lambert e Hendrik Van Gorp, que criaram uma metodologia para a descrição de traduções; e André Lefevere, o qual buscou destacar a importância de fatores culturais e ideológicos envolvidos na tradução, entre outros aspectos. Suas teorizações serão abordadas a seguir.

2.1.2.

A teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar

A teoria dos polissistemas, formulada originalmente para lidar com questões de teoria de tradução no âmbito da literatura hebraica, foi desenvolvida por Itamar Even-Zohar na década de 1970 e aprimorada vinte anos depois pelo próprio teórico. Partindo da noção de sistema proposta por formalistas russos nos anos de 1920, tais como Jurij Tynjanov e Boris Ejkhenbaum, os quais agregaram uma dimensão histórica ao pensamento estruturalista, Even-Zohar cunhou o termo “polissistema”. O acréscimo do prefixo “poli-” à palavra “sistema” foi feito com o propósito de enfatizar a multiplicidade de relações entre diferentes sistemas literários e extraliterários, demonstrando, assim, que uma obra literária não deve ser estudada de forma isolada. Nessa concepção, fenômenos como cultura, língua e literatura são vistos como sistemas heterogêneos e dinâmicos que se interconectam e são organizados hierarquicamente (Even-Zohar, 1990a, p. 11). Para ilustrar tal ideia, pode ser mencionado o polissistema de literatura no Brasil,

o qual engloba outros sistemas como o de literatura infanto-juvenil, o de literatura traduzida e o de literatura afro-brasileira (ainda em construção, conforme veremos adiante), entre outros.

Uma das características da teoria dos polissistemas é a análise das relações entre diversos sistemas, permitindo um melhor entendimento de suas configurações. Nesse sentido, por exemplo, no estudo da cultura oficial são consideradas as culturas não-oficiais e no da língua-padrão são abordadas outras variedades linguísticas. Tais estratégias se inserem na hipótese polissistêmica de que julgamentos de valor – a partir dos quais o que se propõe como oficial ou padrão geralmente é visto como dotado de superioridade em comparação a outras formas de língua ou cultura – não são usados como critérios para uma seleção apriorística dos objetos de estudo.

Com relação a esta pesquisa, a escritora Toni Morrison e sua produção literária podem ser inseridas em contextos que não são notadamente considerados “oficial” ou “padrão”. Historicamente, o negro sempre foi relegado a uma condição de silenciamento ou, no mínimo, de inferioridade. Morrison procura se desvencilhar dessa situação marginal ao dar voz a afro-americanos através de seus romances, revisitando, assim, a história oficial estadunidense e trazendo-lhe outros ângulos de visão. Para tanto, em determinados momentos, a autora subverte a linguagem padrão ao utilizar estruturas que remetem à variante do inglês afro-americano, assunto que será abordado no capítulo 3.

Em um polissistema, a hierarquia entre os sistemas não é estática, apesar de haver uma tendência de se identificar o sistema a partir, exclusivamente, de suas especificidades centrais, levando à falta de consciência das tensões entre seus estratos e à ausência de fundamentos para explicações sobre seus processos de mudança. Os sistemas que, em dado momento, estão em posições centrais, assim como seus elementos intrassistêmicos, podem ser deslocados para as periferias, assim como é possível ocorrer o inverso (Even-Zohar, 1990a).

Even-Zohar também aborda aspectos relativos aos estratos canonizados e não-canonizados no conjunto de um polissistema. Na opinião do autor, enquanto obras canonizadas recebem tal status ao serem aceitas pelos grupos dominantes, as não-canonizadas são rejeitadas e vistas como ilegítimas pelos mesmos grupos. Considerando-se essa hipótese, a canonicidade não é inerente aos textos literários, mas está relacionada a questões de poder existentes em um sistema (Even-Zohar,

1990a, p. 15). Caso os repertórios canonizados não sejam pressionados por repertórios não-canonizados, eles ficam estagnados ou correm o risco de serem abandonados e transportados para outro sistema, sem falar que podem até mesmo contribuir para o colapso de um sistema como um todo. Em contrapartida, se houver tensão entre os repertórios canonizados e não-canonizados, o sistema terá sua sobrevivência garantida: “isso garante a evolução do sistema, que é o único meio de sua preservação” (Even-Zohar, 1990a, p. 16)⁴. Assim, o centro do polissistema abrange um repertório canonizado, detentor de notável prestígio, enquanto que a periferia é ocupada por repertórios não-canonizados.

No contexto do sistema literário afro-americano, por exemplo, autores como Langston Hughes, Richard Wright e Toni Morrison são reconhecidos pela canonização de suas produções. É o que podemos observar na reportagem da revista *Forbes*, de 18 de fevereiro de 2012, em que são listados os dez autores afro-americanos clássicos mais lidos de acordo com a biblioteca virtual “Questia”: Morrison está na terceira posição, atrás apenas de Hughes e Wright, ocupando, portanto, a primeira posição entre as escritoras negras estadunidenses (Crotty, 2012). No entanto, uma vez que os sistemas canonizados estão sujeitos a mudanças, outros autores vêm ocupando cada vez mais espaço nas prateleiras das livrarias e colaborando para as vendas de obras desse segmento. De acordo com o site da *Amazon*, uma das principais empresas de comércio eletrônico dos Estados Unidos, entre os 20 títulos vinculados à literatura afro-americana mais vendidos em 2012, encontram-se *My Man’s Best Friend*, de K. Elle Collier; *The Cutting Season: A Novel*, de Attica Locke e *Beast*, de Pepper Pace, o que sugere uma abertura do sistema literário afro-americano para uma nova geração de escritores, contribuindo para a renovação do dito sistema e, sobretudo, para a sua manutenção ao longo do tempo.

No que diz respeito especificamente ao sistema de literatura traduzida, discutido em “The Position of Translated Literature in the Literary Polysystem” (1990b), Even-Zohar o enxerga como um dos sistemas mais ativos de um polissistema literário, tendo em vista o impacto que ele causa em sua estrutura sincrônica e diacronicamente (p. 46). Tal visão vai de encontro a definições prescritivas sobre tradução, a uma considerável ausência de reconhecimento da literatura traduzida no arcabouço da literatura mundial como um sistema

⁴ “This guarantees the evolution of the system, which is the only means of its preservation”.

específico, repleto de particularidades, e ao desprezo de sua função dentro de dado polissistema. Na contraluz dessa ótica, Even-Zohar ilumina a complexidade da relação entre a literatura traduzida e o sistema literário como um todo, ampliando a própria definição de tradução.

Segundo o autor, mesmo nos casos em que o gesto tradutório parte da própria cultura-fonte, a tradução visa a atender às expectativas do polo receptor. Dessa forma, tanto a seleção dos textos-fonte a serem traduzidos como as estratégias tradutórias adotadas são definidos diretamente pelo sistema de chegada ou então pelo sistema de origem, mas levando em conta as expectativas do polo receptor. Com relação a Morrison, autora estadunidense, com sucesso de vendas e reconhecimento de seu trabalho como escritora, houve um interesse do mercado editorial brasileiro na tradução e publicação de grande parte de seus romances para responder à demanda de um público leitor específico. Discutiremos esse assunto de forma mais abrangente nos capítulos 4 e 5.

A literatura traduzida, fazendo parte do polissistema literário de recepção que, por sua vez, encontra-se no âmbito do polissistema cultural, passa a ser concebida como um fenômeno social que integra as atividades humanas. Trata-se de um sistema que, assim como os outros, é estratificado, já que uma de suas partes pode assumir uma posição central, enquanto outras podem estar localizadas na periferia (Even-Zohar, 1990b, p. 49). A literatura traduzida também pode ocupar uma posição primária, ao incorporar inovações em seu repertório, ou secundária, quando seu repertório é marcado pelo conservadorismo. De qualquer forma, na visão de Even-Zohar, tal sistema é comumente periférico e secundário, na medida em que se compõe de modelos que costumam ser delineados conforme as normas previamente estabelecidas pelo polo receptor. Nessa circunstância, a tradução se torna um meio de preservação do gosto tradicional, comportando-se como um sistema petrificado e desfavorável a mudanças de grande porte.

Conforme Even-Zohar (1990b, p. 46-8), a literatura traduzida só ocupa uma posição central em três casos: 1) quando uma literatura ainda é jovem; 2) quando uma literatura é periférica ou fraca; e 3) quando há momentos decisivos, crises ou vácuos em uma literatura. No primeiro caso, na medida em que a literatura não possui uma base sólida para produzir textos literários em diversos gêneros, ela se apoia em repertórios de outras origens. Logo, a literatura traduzida se torna um dos sistemas mais importantes e influentes em culturas fundamentadas nessa

estrutura. No segundo caso, o polissistema literário também não oferece um leque variado de opções para o leitor, sendo constituído, portanto, de um repertório escasso, que será preenchido, de certa forma, pela via da tradução de obras estrangeiras. Nesse contexto, a literatura traduzida tem como papel fornecer alternativas à literatura-meta. No terceiro caso, não há dinamismo no sistema e, conseqüentemente, não surgem novos modelos. O que ocorre é uma estagnação que possibilita a entrada de padrões estrangeiros a partir da literatura traduzida, a qual, diante dessa lacuna, passa a ocupar uma posição central no polissistema literário de determinada cultura.

O modelo de Even-Zohar tem sido questionado por alguns estudiosos da tradução ao longo dos anos. Susan Bassnett, em “The Translation Turn in Cultural Studies” (1998), afirma que não há clareza sobre os critérios para se definir uma literatura como fraca ou periférica, por exemplo (p. 127). Theo Hermans (1999) também questiona esse ponto, além de apontar para o caráter binarista que predomina na concepção de Even-Zohar, por meio de oposições como “cânone X não-cânone”, “primário X secundário” e “centro X periferia”, o que exclui qualquer elemento ambivalente que não se acomode em tal classificação dicotômica (p. 119). Seguindo o caminho de Hermans, Marcia Martins (1999) defende que “seria interessante que Even-Zohar problematizasse os conceitos de *centro* e *periferia* e introduzisse uma discussão sobre o espaço que tendências centrais e periféricas encontram em perspectivas pós-modernas e no multiculturalismo” (p. 49). Edwin Gentzler (2001), por sua vez, argumenta que a teoria dos polissistemas herdou do formalismo algumas de suas características. Uma delas seria o fato de que, embora as relações entre os sistemas sejam descritas como complexas e sujeitas a mudanças constantes, eles formam um conjunto integrado e unificado. Logo, a cultura seria uma estrutura humana altamente organizada (p. 120). Outras particularidades envolvem uma tendência a generalizações e uma busca por total imparcialidade nos estudos de caso (p. 122). Mesmo com algumas ressalvas e procurando ampliar as ideias de Even-Zohar, os intelectuais mencionados destacam a importância do trabalho desse estudioso para a abordagem de questões históricas e culturais na tradução, em contraposição a um mero estudo linguístico comparando texto-fonte e texto-meta.

Even-Zohar trouxe contribuições significativas para os estudos sobre cultura, língua e literatura, ao iluminar as complexidades existentes em cada um

desses polissistemas. O pressuposto de que no âmbito de um polissistema há uma rede de relações conduz a um olhar mais nítido sobre a maneira como se configuram diferentes campos de estudo. Nas palavras de Hermans (1999), “a questão sobre a ideia de sistemas é que ela nos convida a pensar em termos de funções, conexões e interrelações. A contextualização de fenômenos individuais é o ponto principal” (Hermans, 1999, p. 33)⁵. Nesse sentido, abre-se espaço para uma reflexão mais aprofundada em torno da posição de um sistema dentro de determinado polissistema, já que sua composição está submetida não somente a características exclusivas de seus repertórios, mas também a questões culturais. No artigo “An Open System of Systems: Itamar Even-Zohar and the Polysystem Theory” (2013), Nitsa Ben-Ari enfatiza que “os benefícios da teoria dos polissistemas residem no fato de que ela forneceu um arcabouço para a análise da literatura (e da tradução como um de seus subsistemas) dentro do contexto sócio-histórico” (p. 148)⁶.

Outro ponto que merece destaque está vinculado à seleção dos objetos de estudo: ao se tomar como referência a teoria dos polissistemas, há a possibilidade de dar visibilidade a sistemas frequentemente desconsiderados ou relegados a uma condição de marginalidade em relação àqueles vistos notadamente como canonizados e, por esse motivo, mais valorizados. Jeremy Munday, em *Introducing Translation Studies: Theories and Applications* (2008), aponta para esse aspecto ao afirmar que, ao se utilizar das ideias propostas pelo formalismo russo, Even-Zohar as subverte, já que as mesmas “se concentraram na ‘alta literatura’ e consideraram sistemas ou gêneros literários como literatura infantil, suspenses e todo o sistema de literatura traduzida como elementos sem importância” (p. 108)⁷.

Ao levantar discussões em torno do papel da tradução na literatura, tópico ignorado pelos demais teóricos literários à sua época, Even-Zohar ampliou as formas de se pensar a seleção de textos para serem traduzidos, bem como a função da literatura traduzida dentro de um polissistema em particular. De acordo com Mark Shuttleworth, em “Polysystem Theory” (1998), em tal abordagem não-

⁵ “The point about the systems idea is that it invites us to think in terms of functions, connections and interrelations. Contextualization of individual phenomena is the key”.

⁶ “The benefits of the polysystem theory lay in the fact that it supplied a framework for analyzing literature (and translation as a subsystem within it) within the sociohistorical context”.

⁷ “[...] had focused on ‘high’ literature and had disregarded as unimportant literary systems or genres such as children’s literature, thrillers and the whole system of translated literature”.

prescritiva, os textos traduzidos deixam de ser associados a fenômenos isolados e passam a ser considerados produtos modelados conforme o polissistema literário de chegada (p. 178). Dessa forma, lançando luz sobre as características inerentes a cada cultura, Even-Zohar apresentou uma visão de tradução não como uma tarefa meramente linguística e realizada em um vácuo, mas sim como uma prática histórica e culturalmente contextualizada. Maria Tymoczko, no livro *Enlarging Translation, Empowering Translators* (2007), reitera esse pensamento ao afirmar que Even-Zohar trouxe à tona “[...] a noção de tradução como parte de um sistema literário, que, por sua vez, está inserido em outros sistemas culturais [...] colocando a tradução em contextos culturais mais amplos do que aquilo que havia sido proposto anteriormente” (p. 40)⁸. Ideias como essas serviram de base para a teorização de Gideon Toury no âmbito da abordagem descritivista dos Estudos da Tradução.

2.1.3.

Gideon Toury e o papel da cultura de recepção na atividade tradutória

O mapa dos Estudos da Tradução proposto por Holmes e a teoria dos polissistemas de Even-Zohar foram de grande importância para que Gideon Toury formulasse seu pensamento sobre tradução no livro *In Search of a Theory of Translation*, publicado em 1980, e o reelaborasse posteriormente em *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1995). Nessa obra, Toury, que fazia parte do grupo de estudos de Even-Zohar, distancia-se de afirmações apriorísticas sobre o que é tradução, considerando como tal todo texto que circulou ou que foi aceito como tradução em determinado sistema cultural, em um momento histórico específico. Ele traz à luz a concepção de tradução como um fato característico da cultura-meta, incluindo a seleção de determinados textos a serem traduzidos (ou vistos como traduções), os procedimentos adotados pelo tradutor e a posição que as traduções ocupam em dado contexto cultural.

⁸ “[...] the notion of translation as part of a literary system, with the literary system in turn embedded in other cultural systems [...] thus setting translation in much broader cultural contexts than had been done earlier”.

Um dos argumentos defendidos por Toury é a existência de regularidades nas relações entre o lugar sistêmico da tradução na cultura de chegada (função), a sua forma final (produto) e as estratégias de tradução adotadas (processo). Segundo ele, a função de uma tradução na cultura-meta é um fator determinante para o desenvolvimento do processo tradutório e, conseqüentemente, a construção do produto, que visa a atender a demandas ou preencher lacunas em um sistema literário. Nesse sentido, algumas características do texto-fonte são mantidas na tradução não porque são intrinsecamente importantes, mas sim devido à sua relevância para a cultura receptora (Toury, 1995, p. 12). Além disso, diferentes traduções de um único texto não ocupam o mesmo lugar sistêmico. Logo, para se produzir um estudo descritivo, faz-se necessária uma busca pela contextualização de cada fenômeno tradutório. No âmbito dessa pesquisa, por exemplo, as traduções do romance *Beloved* apresentam posições diferentes no sistema literário brasileiro, já que foram publicadas por editoras e tradutores distintos, além de terem sido trazidas a público em momentos históricos diversos, aspectos que serão abordados posteriormente.

Toury se apropria da definição de normas da sociologia e da psicologia e a relaciona à tradução, tornando-se esse um dos conceitos-chave de sua teoria. Segundo ele, normas são valores ou ideias compartilhados por uma comunidade que especificam o que é certo ou errado, adequado e inadequado, a fim de garantir o estabelecimento da ordem social (Toury, 1995, p. 55). Uma vez que a tradução envolve, no mínimo, duas línguas, duas tradições culturais e, portanto, dois conjuntos de sistemas de normas, o tradutor está submetido a uma norma inicial: ele pode optar por seguir as normas linguísticas e literárias predominantes no texto e na cultura de partida, produzindo uma tradução *adequada*, ou priorizar as normas existentes na cultura de chegada, desenvolvendo, nesse caso, uma tradução *aceitável*. É importante ressaltar que a *aceitabilidade* e a *adequação*, postulados originalmente por Even-Zohar, não são polos excludentes, ou seja, o tradutor pode se valer de ambos em uma atividade de tradução.

Somam-se à norma inicial as normas preliminares e as normas operacionais (Toury, 1995, p. 58-61). As normas preliminares são fatores que governam a seleção de um texto para ser traduzido e as estratégias tradutórias a serem utilizadas em um contexto sociocultural. As normas operacionais, por sua vez, referem-se às decisões tomadas durante o processo de tradução, incluindo

omissões e adições em relação ao texto-fonte, bem como preferências linguísticas e estilísticas por parte do tradutor.

Para que o pesquisador consiga reconstruir as normas que orientam uma tradução, é preciso examinar fontes textuais – os textos traduzidos em si – e extratextuais – teorias de tradução, opiniões de tradutores, editores, críticos literários e outros agentes envolvidos no processo tradutório, entre outros (Toury, 1995, p. 65). Segundo Toury, o objeto de análise primário não é uma tradução isolada, mas um corpus coerente de textos traduzidos. Quanto às fontes extratextuais, elas devem ser consideradas com algumas ressalvas, visto que expressam pontos de vista específicos e estão ligadas a compromissos de patronagem. Entretanto, apesar de todas as suas falhas, esses recursos têm seus méritos e não devem ser abandonados.

Toury também explora em seu estudo o conceito de tradução presumida (*assumed translation*). Trata-se da tradução que foi apresentada ou considerada como tal no contexto de chegada. Essa noção, em que predomina “[...] o que ela [a tradução] prova ser *na realidade* e, assim, o que *se espera que ela possa ser* sob várias condições especificáveis” (Toury, 1995, p. 32)⁹, está fundamentada nestes postulados: o postulado do texto-fonte, o postulado da transferência e o postulado da relação.

O postulado do texto-fonte se refere à suposição da existência de um texto-fonte em que se baseia uma tradução. O que ocorre é a possibilidade de não haver um texto-fonte em casos como os de pseudotradução, texto apresentado como tradução, mas carente de um texto-fonte; tradução compilada, realizada a partir de mais de um texto-fonte; e tradução indireta, cujo texto-fonte difere daquele que seria esperado. No que tange ao postulado da transferência, costuma-se presumir que há uma transferência de elementos de um suposto texto-fonte para o texto-meta. No entanto, esse tipo de operação não corresponde necessariamente ao que teria sido proposto pelo texto de partida. No que se refere ao postulado de relação, é comum uma busca de ligação entre pares de textos, ligação essa que pode ser diferente das que foram almejadas. Sendo assim, qualquer texto 1) que apresente razões para se demandar a presença de outro texto, em outra língua e cultura; 2) que seja resultado de operações de transferência; e 3) que tenha relações de

⁹ “[...] what it proves to be *in reality*, and hence what it may be *expected to be* under various specifiable conditions”.

dependência que o ligam ao suposto texto original pode ser considerado uma tradução presumida.

De acordo com Toury, ao se trabalhar com essa concepção, o primeiro passo é investigar a aceitabilidade da tradução presumida não só como texto em geral, mas sim como tradução em um contexto sociocultural específico. Em seguida, uma vez reconhecido o texto-fonte, é importante mapear a tradução presumida em comparação a esse texto. A partir de então, são propostas generalizações em torno das relações existentes no texto como um todo, das decisões tomadas pelo tradutor e do processo tradutório em si. Por fim, na averiguação das interconexões entre função, processo e produto, devem ser analisados aspectos como o tradutor, as maneiras de traduzir predominantes, o período histórico, o gênero textual e os fenômenos linguístico-textuais, visto que “as traduções sempre surgem em determinado contexto cultural e se destinam a atender a certas necessidades desse sistema e/ou preencher certos nichos nele existentes” (Toury, 1995, p. 12)¹⁰.

As concepções relativas à tradução propostas por Toury têm sido utilizadas por diversos estudiosos ao longo dos anos, sendo reconhecida a importância do teórico em questão para o desenvolvimento dos Estudos Descritivos da Tradução. Genzler (2001) enumera algumas de suas contribuições: 1) o abandono da noção tradicional de equivalência linguística e literária; 2) a consideração de tendências literárias do sistema de recepção na produção do texto traduzido; 3) a desestabilização da ideia de uma mensagem original com identidade fixa; 4) a interseção do texto-fonte com o texto-meta por meio de uma rede de sistemas culturais que se relacionam (p. 131).

Apesar de sua significativa colaboração para os DTS, o modelo de Toury apresenta alguns problemas, conforme sugere Marcia Martins (1999). O primeiro é sua busca em servir a todos os tipos de estudo, em todos os níveis. Nas palavras da pesquisadora, “o objetivo de levar à formulação de uma teoria geral da tradução parece desmedido, e de certa forma incompatível com a postura descritivo-explanatória de seu modelo” (p. 61). Além disso, Toury procura estabelecer universais no comportamento tradutório. Na visão de Genzler (2001), tais generalizações estão associadas à base do pensamento do estudioso: a teoria dos polissistemas que, por sua vez, fundamenta-se no formalismo russo. Por fim,

¹⁰ “Translations always come into being within a certain cultural environment and are designed to meet certain needs of, and/or occupy certain ‘slots’ in it”.

Martins ilumina a dificuldade de compreensão dos significantes *adequação* e *aceitabilidade*, “os quais algumas vezes são entendidos no seu sentido convencional, dicionarizado, e não naquele empregado pelos teóricos israelenses” (ibid.).

Lawrence Venuti, no artigo “Unequal Developments: Current Trends in Translation Studies” (1997), destaca a importância de Toury para a afirmação dos Estudos da Tradução como disciplina, mas também demonstra algumas limitações em seu projeto, entre as quais podem ser citadas: a insistência em estabelecer os Estudos da Tradução na academia tem como desafio o fato de as pesquisas nesse campo não serem necessariamente voltadas para o sistema-meta; o público a quem se dirige sua proposta é formado por estudiosos e não por tradutores; os julgamentos de valor não podem ser descartados, pois a interpretação do pesquisador se fundamenta no cenário cultural em que está inserido. Venuti, sobretudo, argumenta que Toury, ao lado de Even-Zohar, insiste no cientificismo e desconsidera áreas importantes para os estudos literários e culturais, tais como o feminismo e o pós-estruturalismo. Na opinião de Venuti, “[...] sem elas, o teórico de tradução não pode começar a pensar sobre uma ética na tradução ou o papel exercido pela tradução em movimentos políticos, questões que parecem mais cruciais nos dias de hoje do que delimitar fronteiras disciplinares” (Venuti, 1997, p. 363)¹¹. No livro *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença* (2002), ele reforça sua visão sobre o modelo de Toury, trazendo o seguinte argumento sobre as normas que regulam a tradução:

As normas podem ser, em primeira instância, linguísticas ou literárias, mas elas também incluirão um espectro diversificado de crenças, representações sociais e valores domésticos, que carregam uma força ideológica ao servir os interesses de grupos específicos. E eles estão sempre abrigados nas instituições sociais onde as traduções são produzidas e inscritas em agendas culturais e políticas. (Venuti, 2002, p. 60)

Munday (2008) dialoga com Venuti ao destacar que Toury também deixou de lado os fatores ideológicos e políticos relativos à cultura de origem, tais como o status do texto-fonte nesse sistema, a promoção e divulgação do texto traduzido e os possíveis impactos da tradução no referido contexto (p. 115).

¹¹ “[...] without them the translation theorist cannot begin to think about an ethics of translation, or the role played by translation in political movements, issues that seem more crucial today than sketching narrow disciplinary boundaries”.

De qualquer forma, no que diz respeito à presente pesquisa, pressupostos como a necessidade de contextualização do texto traduzido, a relação entre função, processo e produto, a análise de fontes textuais e extratextuais para verificar as normas sob as quais está submetida uma tradução, entre outros pontos trabalhados por Toury, são relevantes para uma reflexão em torno das diferentes traduções de *Beloved* no Brasil. A esses pressupostos se soma o modelo para a descrição de traduções proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp, que será apresentado a seguir.

2.1.4.

A metodologia de José Lambert e Hendrik Van Gorp para a análise de traduções

Nas décadas de 1970 e 1980, José Lambert e Hendrik Van Gorp acompanharam o início do reconhecimento da tradução como área de estudos acadêmicos. Entretanto, segundo os autores, o fortalecimento desse campo ocorreu notadamente em seu viés teórico, sendo que ramos como os estudos descritivos, baseados em análises de traduções, ainda precisariam ser consolidados. Dessa forma, Lambert e Van Gorp propuseram uma metodologia para descrever e explicar traduções em contextos específicos, publicada no artigo “On Describing Translations” (1985).

Considerando os pensamentos de Even-Zohar e Toury, principalmente no que tange à teoria dos polissistemas, Lambert e Van Gorp criaram um modelo para o estudo de traduções que abrange características como a relevância de diferentes sistemas, além do literário, na composição de determinada cultura, a relação complexa e dinâmica existente entre o autor, o texto e o leitor da cultura-fonte e o autor, o texto e o leitor da cultura-meta e as escolhas do tradutor vistas em função das normas predominantes no contexto de recepção.

No que diz respeito à comparação entre texto-fonte e texto-meta, os teóricos em questão criticam esse processo quando o mesmo exclui outros fatores. Todavia, eles defendem o valor de tal atividade para a abordagem sistêmica em uma dimensão mais abrangente, visto que em alguns casos se trata do único material disponível, além de contribuir para a averiguação das conexões entre os

sistemas envolvidos e da posição do tradutor nesses contextos: “a comparação entre T1 e T2 é, portanto, uma parte relevante dos estudos da tradução – contanto que ela não obscureça uma perspectiva mais ampla” (Lambert & Van Gorp, 1985, p. 47)¹². Além disso, toda comparação entre textos está submetida a seleções por parte do pesquisador, uma vez que não há como realizar esse procedimento somente colocando-os lado a lado.

Desse modo, Lambert e Van Gorp sugerem um quadro de referência que permite caracterizar textos e estratégias tradutórias (Lambert & Van Gorp, 1985, p. 52-53). Essa proposta se divide em quatro pontos principais: dados preliminares, nível macroestrutural, nível microestrutural e contexto sistêmico. Nos dados preliminares, são examinados os títulos, os metatextos e a estrutura geral da tradução. No nível macroestrutural, consideram-se a divisão do texto, os títulos de capítulos, a relação entre os tipos de narrativa, a estrutura interna da narrativa e os comentários do autor. No nível microestrutural, estão envolvidos a seleção de vocabulário, os padrões gramaticais dominantes, as estruturas literárias formais, os tipos de discurso, as modalizações e os níveis de linguagem. No contexto sistêmico, fazem-se presentes as ligações entre os níveis macro e microestruturais, entre outros textos e entre outros sistemas.

Ao utilizar esse esquema, o pesquisador passa a ter uma dimensão mais detalhada das prioridades do tradutor ao adotar certas estratégias. Além disso, torna-se possível descrever aspectos dos sistemas tradutório e literário como um todo, visto que são levados em conta elementos como autor, tradutor, leitor e texto. Tais elementos não são considerados isoladamente, mas sim em diálogo um com o outro. Lambert e Van Gorp também chamam a atenção para um estudo que ultrapasse uma preocupação limitada a tradutores e textos específicos e se abra à abordagem de outras traduções e de outros tradutores dentro de um mesmo sistema.

Os autores esclarecem que seu objetivo é abordar a literatura traduzida por meio de uma investigação de aspectos como normas, modelos, comportamentos tradutórios e sistemas. Nesse caso, o estudo do texto-fonte e do texto-meta tem como importante contribuição um entendimento mais aprofundado sobre as interferências presentes na literatura ao longo da história. Segundo Lambert, uma

¹² “The comparison of T1 e T2 is therefore a relevant part of translation studies – as long as it does not obscure the wider perspective”.

vez que a tradução é um fenômeno cultural, “[...] é essencial que estudemos o modo pelo qual ela varia ao longo do tempo e através das culturas, assim como as razões para essa variação” (Lambert, 2001, p. 131)¹³.

Lambert e Van Gorp apresentam, de maneira clara e didática, uma relação entre a teoria e a prática nos estudos tradutórios. É interessante mencionar o fato de eles enxergarem outras abordagens com as quais discordam não de forma a refutá-las, mas sim de modo a questioná-las e, a partir disso, sugerirem sua própria visão. É o que podemos observar, por exemplo, na comparação de texto-fonte com texto-meta: Lambert e Van Gorp não concordam com esse procedimento quando é utilizado de maneira autônoma. Em contrapartida, destacam sua importância ao ser adotado em conjunto com outros fatores. Apesar de esse texto ter sido publicado na década de 1980, ele traz considerações de valor para a contemporaneidade, já que aponta para a tradução como um processo complexo que engloba fatores que vão desde a seleção do título de uma obra até o seu vínculo com outros sistemas.

A metodologia em questão será relevante para o presente trabalho, uma vez que são consideradas diferentes traduções de *Beloved*, feitas por diferentes tradutores e publicadas por diferentes editoras. Desse modo, nossa análise seguirá estes passos: um breve estudo sobre as traduções de romances vinculados à literatura afro-americana no contexto cultural brasileiro; o exame de dados preliminares, que englobam uma investigação sobre os tradutores, as editoras e os paratextos (capa, quarta capa, sobrecapa, orelhas, notas do tradutor, prefácios, posfácios, introduções e apresentações) relativos às traduções; a averiguação de elementos microtextuais, focalizando determinadas características do *African American English*, variante linguística falada por parte dos negros estadunidenses, que desafia o dialeto padrão e é recorrente em textos de escritores afro-americanos.

Na medida em que essa análise inclui um olhar sobre fatores históricos, culturais e mercadológicos, entre outros, referentes ao polo de recepção das diferentes edições de *Amada*, torna-se importante lançar mão do pensamento de

¹³ “[...] it is essential that we study the way in which it varies through time and across cultures, as well as the reasons for this variation”.

André Lefevere acerca dos mecanismos de controle relativos à tradução. Vejamos, em seguida, algumas considerações do autor sobre o assunto.

2.1.5.

André Lefevere e os mecanismos de controle na tradução

Assim como Even-Zohar e Toury, André Lefevere teve um papel importante no desenvolvimento dos Estudos Descritivos da Tradução nos anos de 1970. Mas é a partir da década de 1990, com a publicação dos livros *Translation, History and Culture* (1990), coletânea de artigos organizada em parceria com Susan Bassnett, e *Translation, Rewriting and the Manipulation of the Literary Fame* (1992), que sua voz adquire mais visibilidade, ao destacar a relevância de aspectos históricos, culturais e ideológicos na tradução. No artigo “Where Are We in Translation Studies?” (1998), Bassnett e Lefevere afirmam que “nós não estamos mais presos à palavra ou, até mesmo, ao texto, porque compreendemos a importância do contexto em questões de tradução. Um contexto é, certamente, o da história. O outro contexto é o da cultura” (Bassnett & Lefevere, 1998, p. 3)¹⁴. Dessa forma, certas questões, que apontam para a complexidade do processo de tradução, são consideradas: De que forma um texto é selecionado para tradução? Que funções o tradutor e o editor exercem nesse processo? Que critérios determinam as estratégias escolhidas pelo tradutor? De que modo um texto pode ser recebido em uma cultura específica?

Segundo Lefevere, a tradução é uma forma de reescrita (ou “refração”, termo utilizado pelo autor em textos anteriores) e “[...] como todas as (re)escritas nunca é inocente. Há sempre um contexto em que a tradução ocorre, sempre uma história da qual um texto emerge e para a qual um texto é transposto” (Bassnett & Lefevere, 1990, p. 11)¹⁵. Nesse sentido, a realização de uma tradução, vista como manipulação, realizada a serviço do poder (Lefevere, 1992, p. 9), está submetida a mecanismos de controle internos ou externos que atuam no sistema literário e

¹⁴ “We are no longer “stuck to the word”, or even the text, because we have realized the importance of context in matters of translation. One context is, of course, that of history. The other context is that of culture”.

¹⁵ “[...] like all (re)writings [translation] is never innocent. There is always a context in which the translation takes place, always a history from which a text emerges and to which a text is transposed”.

desenvolvem um papel essencial na construção do produto final. É importante ressaltar que, segundo Lefevere, há um aspecto positivo nesse processo: o enriquecimento da literatura no contexto de recepção.

No que diz respeito aos mecanismos de controle internos, eles são representados por reescritores – tradutores, críticos, professores de literatura e revisores – os quais tendem a manipular as obras literárias de acordo com a poética e a ideologia dominantes em dada cultura, em dado momento histórico. Um dos exemplos que ilustram o uso de motivações ideológicas na reescrita de um texto está vinculado à tradução do *Diário de Anne Frank*, segundo relatado em Lefevere (1992), capítulo 5.

Anne Frank, alemã de origem judaica, vítima do holocausto, é mundialmente conhecida pela publicação póstuma de seu diário, que descreve as experiências de sua família durante o período em que foram perseguidos na Holanda, em meados do século XX. Assim que soube que seu diário seria publicado, ela tratou de reescrevê-lo, alterando questões de foro íntimo e adotando um estilo mais literário. Todavia, seu trabalho não foi concluído. Posteriormente, seu pai, Otto Frank, teve acesso a esses escritos. Ele datilografou e editou o material, o qual serviu de base para a edição holandesa de 1947, bem como para as traduções para diversas línguas. Ao demonstrar interesse em divulgar o diário de sua filha, Otto Frank teve que se submeter às imposições da editora Contact.

A tradução alemã do diário, no entanto, não teve como base a versão alterada pela Contact, mas sim a primeira edição datilografada dos escritos de Anne Frank. Daí o fato de haver informações que não se faziam presentes na publicação holandesa, tais como algumas referências à sexualidade. Ao realizar sua tradução, Anneliese Schutz efetuou uma manipulação considerável em determinados trechos do livro, principalmente aqueles que traziam uma imagem negativa dos alemães. Conforme a tradutora, para que um livro fosse vendido bem na Alemanha, era essencial que não tivesse qualquer insulto explícito aos alemães. Consequentemente, no texto traduzido, a condição dos judeus na Holanda foi descrita de uma forma branda. Outro exemplo de interferência evidente por parte de Schutz se relaciona à própria representação de Anne Frank. Ela lhe conferiu um tom de formalidade no sentido de criar a figura de uma jovem bem educada, adequando-se a um estereótipo predominante no contexto de chegada naquele momento histórico. Nesse caso, houve um alto grau de intervenção da tradutora

em sua reescrita com o intuito de responder a coerções de ordem ideológica, econômica e cultural.

Os mecanismos de controle externos, por sua vez, estão ligados à patronagem. Trata-se de indivíduos ou instituições com autoridade para regular a produção, a divulgação, a leitura e a reescrita da literatura. Entre eles se encontram partidos políticos, associações religiosas, editoras e veículos midiáticos. De acordo com Lefevere, a patronagem é constituída por um componente ideológico, que atua restringindo a escolha e o desenvolvimento tanto da forma quanto do conteúdo; um componente econômico, por meio do financiamento dos trabalhos de escritores e reescritores; um componente de *status*, a partir do qual submeter-se à patronagem significa integrar-se a um grupo e a um estilo de vida (Lefevere, 1992, p. 33).

Além de se compor desses três elementos, a patronagem pode ser diferenciada, quando o sucesso econômico é relativamente independente de fatores ideológicos, ou indiferenciada, quando os componentes em questão estão relacionados à mesma fonte. O primeiro caso, em que a busca pelo lucro é primordial, é muito comum na contemporaneidade, enquanto que o segundo era uma ocorrência corriqueira no passado e se fundamentava, principalmente, em ideologias específicas (Lefevere, 1992, p. 17).

Lefevere, portanto, traz uma releitura da visão da literatura como um sistema inserido no contexto cultural, destacando os processos de manipulação existentes em sua produção e recepção. O autor colabora para o pensamento sobre tradução ao considerar fatores como quem reescreve, por que motivo, sob quais circunstâncias e para que público-alvo. As palavras de Marcia Martins, no artigo “Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica” (2002), ilustram a relevância de Lefevere para o campo dos Estudos da Tradução:

Suas ideias com respeito à interação do texto traduzido com a cultura e suas estruturas de poder são fundamentais para se entender o papel das editoras e das instituições que, através de incentivo e patrocínio, interferem nas decisões editoriais e na implementação de políticas culturais. (p. 41)

Maria Tymoczko (2007) também destaca a contribuição do intelectual com sua teoria de reescritas (ou refrações): a tradução passa a ser vista como um metatexto, ou seja, uma representação do texto-fonte fundamentada em valores ideológicos, além de ser equiparada a outras formas de reescrita (p. 82).

Nesta pesquisa, o pensamento de Lefevere servirá de base para a compreensão do fenômeno tradutório como um processo vinculado a determinadas coerções de ordem social, cultural, econômica, entre outras. Uma vez que, segundo Lefevere, “a tradução é responsável, em grande parte, pela imagem de uma obra, um autor, uma cultura” (1990, p. 27)¹⁶, a análise das traduções de *Beloved* no Brasil, bem como as formas como Morrison é representada a partir de mecanismos de controle que atuam sobre a tradução, visa a verificar de que modo são construídas as imagens desses romances e dessa escritora no contexto brasileiro.

É importante ressaltar que as ideias de Lefevere foram determinantes para a chamada “virada cultural” nos Estudos da Tradução (Bassnett & Lefevere, 1990). Com o passar dos anos, houve um crescente interesse na relação entre tradução e poder, desenvolvendo-se, portanto, uma “virada do poder” na visão de Gentzler & Tymoczko (2002, p. 16). Tais estudiosos se fundamentam em questões como as discutidas no âmbito dos Estudos Culturais, conforme veremos a seguir.

2.2.

Os Estudos Culturais em diálogo com os Estudos Descritivos da Tradução

De acordo com Stuart Hall, no livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), organizado por ele e por Liv Sovik, os Estudos Culturais trouxeram à luz discussões que já haviam sido levantadas anteriormente, constituindo-se como um novo campo de estudos em um momento de revisão de modelos preestabelecidos nos anos de 1950. A partir da publicação de livros seminais como *The Long Revolution* (1961), de Raymond Williams, e *The Making of the English Working Class* (1963), de Edward Thompson, a referida área ganhou projeção ao longo do tempo e se institucionalizou na década de 1960.

No que tange ao termo “cultura” nesse cenário, Hall apresenta duas concepções, baseadas no pensamento de Williams. A primeira está relacionada à “soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns” (Hall, 2003a, p. 135). Quanto à segunda, a cultura

¹⁶ “Translation is responsible to a large extent for the image of a work, a writer, a culture”.

“está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas” (p. 136). Nesse sentido, o vocábulo “cultura” é marcado por uma complexidade, já que abrange aspectos como a democratização e a socialização, contrapondo-se, portanto, a uma visão tradicionalista de cultura como algo estritamente refinado, culto ou privilegiado. Tal multiplicidade conferida a esse termo aponta para a importância da linguagem, visto que inclui a heterogeneidade de significados e o poder do discurso em diferentes textos, elementos que fazem parte da linha de pensamento que orienta esta pesquisa.

Os Estudos Culturais se propõem como um espaço aberto a ideias provenientes de diferentes campos. O feminismo, por exemplo, foi responsável por uma ruptura de modelos vigentes, traduzida por elementos como a ampliação da definição de poder, que passou a ser compreendido levando-se em consideração as questões de gênero, e a relevância conferida à psicanálise. Segundo Hall, “sabe-se que aconteceu, mas não se sabe quando nem onde se deu o primeiro arrombamento do feminismo” (Hall, 2003b, p. 209).

As teorias pós-coloniais, por sua vez, também oferecem suas contribuições para os Estudos Culturais. No livro *The Post-Colonial Studies Reader* (2005), Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin mostram a abrangência desse campo, uma vez que nele se promovem discussões acerca de temas como “[...] migração, escravidão, supressão, resistência, representação, diferença, raça, gênero, lugar” além de responder aos “[...] discursos dominantes influentes da Europa imperial, tais como história, filosofia e linguística, e às experiências fundamentais de fala e escrita através das quais todos eles passam a existir” (Ashcroft et al., 2005, p. 2)¹⁷. Tal caráter subversivo inerente às teorias pós-coloniais se complementa, de acordo com o pensamento dos autores, com a “rejeição ao indivíduo cartesiano, a instabilidade da significação, a localização do sujeito na linguagem ou discurso, a operação dinâmica do poder” (p. 117)¹⁸. Além disso, segundo Hall, o termo “pós-colonial” não se refere a uma comunidade ou um período histórico específicos. Nas palavras do intelectual, “ele relê a colonização como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita

¹⁷ “[...] migration, slavery, suppression, resistance, representation, difference, race, gender, place [...] influential master discourses of imperial Europe such as history, philosophy and linguistics, and the fundamental experiences of speaking and writing by which all these come into being”.

¹⁸ “[...] the rejection of the Cartesian individual, the instability of signification, the location of the subject in language or discourse, the dynamic operation of power”.

descentrada, diaspórica ou global das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação” (Hall & Sovik, 2003, p. 109).

Segundo Eneida Leal Cunha (2001), os Estudos Culturais têm exercido uma função relevante para a abordagem da literatura, na medida em que levantam questões como a articulação das práticas culturais “com as relações de poder, o esforço para teorizar e apreender as mútuas determinações entre formas culturais e forças históricas, a prioridade da intervenção cultural sobre a crônica das mudanças culturais” (p. 24). Tais questões dialogam com as visões de Gentzler e Tymoczko (2002) sobre tradução.

2.2.1.

Os Estudos de Tradução Pós-Coloniais e a “virada do poder”: contribuições de Maria Tymoczko e Edwin Gentzler

No livro de Maria Tymoczko (2007), anteriormente citado, a autora enumera algumas das relações entre os Estudos Culturais e a abordagem descritivista dos Estudos da Tradução (p. 43): 1) a tradução, geralmente em forma de texto, deixa traços de interações culturais que podem ser analisados por estudiosos; 2) a tradução envolve uma interface de línguas e produtos culturais, tornando visíveis diferenças e similaridades entre essas especificidades; 3) a tradução revela atitudes ideológicas, aspecto de interesse dos Estudos Culturais; 4) como muitos dos objetos de análise dos Estudos Culturais, as traduções são frequentemente marginalizadas; 5) o fator econômico, bem como os sistemas de patronagem e de poder são evidentes nos processos de tradução e considerados no âmbito dos Estudos Culturais. Susan Bassnett já havia feito referência a essas conexões, destacando, por exemplo, a importância de se observar não só a manipulação existente em produções textuais, como também as condições em que um texto é escrito, vendido e divulgado e lido (1998, p. 136). Entre os movimentos mais significativos nesse diálogo estão os estudos que relacionam teorias pós-coloniais à tradução literária, iluminando questões de poder e ideologia.

Em *Post-Colonial Translation: Theory and Practice* (1999a), obra organizada por Bassnett e Harish Trivedi, Tymoczko estabelece uma analogia

entre escrita pós-colonial e tradução literária no artigo “Post-Colonial Writing and Literary Translation”. Segundo a autora, em ambas as instâncias, há uma complexidade de aspectos linguísticos e culturais, sendo que no caso do escritor pós-colonial não há a transposição de um texto, mas sim do metatexto de uma cultura específica (língua, literatura, sistema social, entre outros). Tais aspectos se apresentam como desafios tanto para o tradutor quanto para o escritor pós-colonial, na medida em que ambos, por terem que fazer escolhas com relação ao que será enfatizado em seus trabalhos, acabam manipulando seus textos de acordo com diferentes fatores como público-alvo e demandas de patronagem.

Outro ponto em comum é o fato de a tradução poder ser fonte de experimentação, distanciando-se de padrões hegemônicos vigentes no contexto de recepção e ampliando o referido âmbito a partir de novos paradigmas. Isso também pode ser observado, de alguma maneira, na escrita pós-colonial ou ligada a uma cultura minoritária. De acordo com Tymoczko,

as literaturas pós-coloniais e de minorias são campos literários em que desafios a padrões de linguagem, poética e cultura são frequentemente propostos, onde a literatura é expandida através de novos paradigmas míticos e representações arquetípicas, novos recursos e paradigmas formais, bem como de linguagem revitalizada, incluindo nova imagística mitopoética. (1999a, p. 34)¹⁹

Conforme ocorre com as traduções, as inovações formais relativas a determinada cultura pós-colonial ou minoritária abalam a estrutura literária dominante a partir de características idiomáticas, estilísticas e culturais alternativas, contribuindo, assim, para uma remodelação das estruturas de poder. A própria escrita de Morrison pode servir de exemplo para essa ideia, uma vez que em *Beloved* está presente uma linguagem marcada por especificidades sociais e culturais que desestabilizam padrões hegemônicos brancos e masculinos, por exemplo.

Tymoczko expande as relações entre escrita pós-colonial e tradução literária no livro *Translation in a Postcolonial Context* (1999b). No capítulo “The Metonymics of Translation”, ela aborda as dificuldades enfrentadas pelo tradutor ao lidar com textos de culturas marginalizadas, tais como aqueles inseridos no

¹⁹ “Post-colonial and minority literatures are literary domains in which challenges to dominant standards of language, poetics and culture are frequently advanced, where literature is expanded through new mythic paradigms and archetypal representations, new formal resources and paradigms, and revitalized language, including new mythopoetic imagery”.

âmbito da diáspora africana, como é o caso da produção de Morrison. Na visão de Tymoczko, a carga de informações históricas e culturais inseridas nesses textos é muito grande, o que impele o tradutor a dois caminhos: 1) fazer escolhas sobre o que irá traduzir; ou 2) encontrar um formato que permita a inserção de comentários, a partir da utilização de recursos paratextuais como prefácios, posfácios e notas de rodapé. A primeira opção é normalmente mais comum em traduções para o mercado, com o objetivo de atingir um grande número de leitores, enquanto que a segunda se restringe frequentemente a um público-alvo específico (p. 48-49). O tradutor deve tomar decisões, o que irá gerar perdas e ganhos no movimento entre línguas e culturas distintas. Tais decisões estão baseadas em uma multiplicidade de fatores: “[...] a identidade e as afiliações do autor, a identidade e as afiliações do tradutor, as conexões do tradutor com movimentos políticos e sociais, o contexto de recepção (tais como resenhas, censura, ações judiciais) da tradução” (Tymoczko, 2010, p. 233)²⁰.

Uma vez que a tradução é resultado de um processo em que certos aspectos são ora representados, completamente ou parcialmente, ora omitidos, ela “[...] é metonímica: é uma forma de representação em que partes ou aspectos do texto-fonte acabam representando o todo” (Tymoczko, 1999b, p. 55)²¹. Ao trazer tal concepção à tona, Tymoczko questiona polaridades existentes nos estudos sobre tradução, tais como “literal X livre”, “domesticante X estrangeirizante”. Além disso, ela enfatiza que, para o público leitor no contexto de recepção, a tradução constrói uma imagem – como já observado por Lefevere (1990) e confirmado por Gentzler (2008), como veremos abaixo –, uma tradição literária, uma cultura e um povo ao selecionar determinados elementos que caracterizarão um conjunto.

Segundo Gentzler & Tymoczko, na introdução do livro *Translation and Power* (2002), ao reconhecer a natureza fragmentária da tradução, o pesquisador deve estar atento não só aos aspectos do texto-fonte presentes no texto-meta, mas também aos que se encontram ausentes, como as omissões microtextuais e a não-existência de determinadas traduções. Soma-se a isso uma contextualização da tradução em dado momento histórico, a qual irá apontar para os mecanismos de

²⁰ “[...] the identity and affiliations of the author, the identity and affiliations of the translator, the connections of the translator with social and political movements, the reception context (such as reviews, censorship, legal action) of translation”.

²¹ “[...] is metonymic: it is a form of representation in which parts or aspects of the source text come to stand for the whole”.

poder dominantes que priorizam uma forma ou interpretação em detrimento de outras (p. 11). Daí os dois estudiosos proporem que a “virada cultural” nos Estudos da Tradução abriu caminho para uma “virada do poder” (p. 16), conforme mencionamos anteriormente, visto que todo processo tradutório é necessariamente condicionado por relações de poder.

No livro *Translation and Identity in the Americas: New Directions in Translation Theory* (2008), com prefácio de Susan Bassnett, Gentzler trata do papel da tradução na construção de identidade nas Américas. De acordo com ele, a tradução, no referido território, “[...] é menos algo que acontece entre culturas distintas e separadas e mais algo que é *constitutivo* dessas culturas” (p. 5)²². Tal obra apresenta como pano de fundo os Estudos Descritivos da Tradução, os Estudos Culturais e os pensamentos sobre etnia e feminismo, entre outras abordagens teóricas.

Em sua introdução, o autor destaca “[...] o uso da tradução para resistir a construções sociais específicas, introduzir novas ideias e questionar o *status quo*” (Gentzler, 2008, p. 3)²³, lançando luz sobre as novas abordagens de tradução nas Américas nos últimos trinta anos. Para tanto, ele divide seu texto nas seguintes seções: multiculturalismo nos Estados Unidos; teatro e feminismo no Canadá; antropofagia no Brasil; ficção na América Latina; a escrita de fronteira e o Caribe. É importante ressaltar que Gentzler enxerga tanto o Brasil quanto o Canadá como terrenos férteis no que se refere aos estudos e eventos relacionados à tradução. Por outro lado, quanto aos Estados Unidos, aos países da América de língua espanhola e ao Caribe, há uma carência nessa área, já que existem poucos programas vinculados aos Estudos da Tradução nas universidades e esses, por sua vez, estão geralmente inseridos no âmbito de departamentos de literatura comparada e de linguística.

Gentzler esclarece que um dos objetivos de sua obra é promover um diálogo entre estudiosos da tradução nas Américas com o intuito de criar um programa de estudos que investigue o papel da tradução na formação cultural do território em questão. Além disso, ele enfatiza que “este estudo se concentra frequentemente nos grupos oprimidos e minoritários dentro das culturas e destaca o papel cultural

²² “[...] is less something that happens between separate and distinct cultures and more something that is *constitutive* of those cultures”.

²³ “[...] the use of translation to resist particular social constructions, introduce new ideas, and question the status quo”.

que as estratégias de tradução exercem nesse processo discriminatório” (Gentzler, 2008, p. 3)²⁴.

Dialogando com Lefevere e Tymoczko, Gentzler aponta para a importância da tradução na construção da imagem de um povo, de uma literatura e de uma cultura em geral. Tal pensamento é de grande relevância para esta pesquisa, uma vez que conduz a uma reflexão sobre como as traduções de *Beloved* no contexto brasileiro, dependendo do projeto tradutório a que estejam vinculadas, podem colaborar ou para a manutenção ou para a ruptura da condição de marginalidade relegada a uma parcela da população negra estadunidense cujas vozes se fazem ouvir nas obras de Morrison.

2.3.

As retraduições na visão de Lawrence Venuti

Para complementar a fundamentação teórica de nosso estudo, que tem como pilares básicos os Estudos Descritivos da Tradução e os Estudos Culturais (conforme seções 2.1 e 2.2), faz-se importante abordar o pensamento de Lawrence Venuti sobre retraduições, ou seja, novas traduções de um texto que já foi traduzido em determinado polo receptor. O referido estudioso trouxe contribuições significativas para questões de ideologia e poder na tradução, tais como a invisibilidade do tradutor no contexto anglo-americano, as estratégias tradutórias denominadas *domesticação* e *estrangeirização* (*The Translator's Invisibility: A History of Translation* – 1995) e a tradução como uma atividade que promove a formação de identidades culturais (*The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference* – 1998). Em 2004, o autor publicou o artigo “Retranslations: The Creation of Value” no livro *Translation and Culture*, organizado por Katherine Faull, que trata das influências culturais, políticas e econômicas do contexto de chegada nas retraduições. Tal artigo foi republicado recentemente na coletânea *Translation Changes Everything: Theory and Practice* (2013), editado por Venuti, que reúne alguns textos escritos por ele desde o ano 2000.

²⁴ “This study frequently focuses on minority and oppressed groups within cultures and highlights cultural role translation policies play in that discriminatory process”.

Fazendo referência ao pensamento de Toury (1995) sobre o fato de a tradução buscar responder a interesses de ordens variadas da cultura-meta, Venuti argumenta que as retraduições se constituem como casos especiais, visto que os padrões – linguísticos e literários, religiosos e políticos, comerciais e educacionais – criados por elas se associam não só ao sistema de recepção, como também à tradução que já existia previamente nesse ambiente sociocultural (Venuti, 2004, p. 25). Embora haja exemplos de retraduições que consideram apenas o texto-fonte, Venuti focaliza aquelas em que há ciência das traduções realizadas anteriormente, tais como as referentes a textos canônicos como a Bíblia, *A divina comédia*, de Dante Alighieri e as peças teatrais de William Shakespeare. Esses casos geralmente ocorrem devido a uma demanda da cultura de chegada por uma nova tradução, demanda essa que pode estar associada a fatores literários, acadêmicos e, principalmente, econômicos.

Com relação ao tradutor, suas decisões podem ser automáticas, mas se fundamentam nos mecanismos de coerções dominantes no polo receptor, mesmo que o profissional em questão não tenha consciência dessas condições:

Essas condições podem incluir informações pertinentes sobre a cultura-fonte, o autor e o texto, o cânone da literatura-fonte em tradução, as práticas de tradução no contexto de recepção, a interpretação que o tradutor inscreve no texto-fonte e as formas pelas quais o editor planeja publicar, apresentar e divulgar a tradução. (Venuti, 2004, p. 28)²⁵

Particularmente no que se refere às retraduições voltadas para o mercado, entre as condições de sua produção está o uso de estratégias discursivas que estejam de acordo com os padrões relativos ao público-alvo e, por isso, garantam uma boa vendagem. Uma alternativa a isso, baseada em razões econômicas, é o relançamento de uma tradução já publicada e que tenha se estabelecido no mercado, em vez de se investir em uma retradução. As edições de *Amada* no Brasil, conforme veremos no capítulo 5, variam entre o relançamento de uma tradução já existente e a proposta de uma nova tradução.

Outro ponto levantado por Venuti é o fato de as traduções estarem ligadas fortemente ao período histórico em que são realizadas, o que irá determinar desde

²⁵ “These conditions may include pertinent information about the source culture, author, and text, the canon of the source literature in translation, translation practices in the receiving situation, the interpretation that the translator inscribes in the source text, and the ways in which the publisher plans to print, market, and promote the translation.”

o texto-fonte que será selecionado para ser traduzido e as soluções tradutórias adotadas até a recepção da tradução por um grupo específico de leitores. Desse modo, as retraduições demonstram a passagem do tempo por meio de suas diferenças de estilo e de interpretação em relação a versões anteriores e constroem novas visões sobre o texto-fonte.

Portanto, nas palavras de Venuti, “estudar retraduições é entender que a tradução não pode ser vista como um simples ato de comunicação, porque ela cria valores nas formações sociais em momentos históricos específicos, e esses valores redefinem periodicamente o texto e a cultura de partida” (Venuti, 2004, p. 36)²⁶. É nesse e nos outros pressupostos apresentados neste capítulo que o presente trabalho se fundamenta, tendo como objetivo principal verificar de que maneira se configuram os lugares sistêmicos de Toni Morrison e das traduções de *Beloved* no contexto literário brasileiro, em comparação com as posições ocupadas pela autora e pela obra em questão no cenário cultural estadunidense, cenário esse que será discutido no capítulo a seguir.

²⁶ “To study retranslations is to realize that translating cannot be viewed as a simple act of communication because it creates values in social formations at specific historical moments, and these values redefine the source text and culture from moment to moment.”